

121 LÍNGUA PORTUGUESA

1. Um dos principais fatores responsáveis pelo redirecionamento do ensino e aprendizagem de língua portuguesa é a concepção de linguagem assumida nos documentos oficiais que norteiam essa área do ensino.

As DCEs estão embasadas em uma concepção que percebe a língua:

- A) conforme era concebida no Renascimento, período de ruptura definitiva entre a escrita e a oralidade devido à invenção da imprensa, fato que consolidou a supremacia da escrita sobre o oral.
- B) como fenômeno social, pois ela emerge da necessidade de interação (política, social, econômica) entre os homens. Assim, a língua não é vista apenas como sistema de formas, mas como atividade e acontecimento social, portanto, estratificada por valores ideológicos.
- C) como veículo para exteriorização do pensamento. Nessa perspectiva, aprender falar e escrever bem, conhecer a forma da língua, significa saber expressar bem o pensamento.
- D) como sendo um conjunto de signos que se combinam de acordo com certas regras responsáveis por permitir a um emissor transmitir mensagens a um receptor, desde que ambos dominem o mesmo código.
- E) como um espaço e resultado da interação humana, o que implicou esse documento propor o abandono de qualquer tipo de trabalho com regras gramaticais no ensino e aprendizagem de língua materna.

2. Assinale a alternativa **VERDADEIRA**:

- A) Nas escolas da rede estadual, trabalhar com língua privilegiando sua dimensão interacional e discursiva é uma prática legitimada há mais de 20 anos, quando o Currículo de Língua Portuguesa publicado na década de 1990 trouxe orientações para os professores buscarem romper com o ensino tradicionalista e darem lugar a um trabalho com língua focando as práticas de leitura, de produção oral e escrita e de análise linguística.
- B) Os diferentes gêneros textuais falados e escritos, produzidos nas diferentes esferas de atividades humanas, apresentam diferenças em relação ao vocabulário, mas não em relação às regras gramaticais, visto que existe uma uniformidade no português brasileiro.
- C) Entre os pesquisadores da área da educação linguística, atualmente, é corrente o ponto de vista de que o ensino de língua portuguesa deve ser feito com base na norma padrão clássica, dado o caráter dinâmico dos gêneros discursivos.

- D) A norma padrão clássica é o modelo de língua descrito-prescrito pela gramática tradicional, que toma como referência a norma urbana culta real.
- E) O melhor caminho para se chegar à variante de prestígio da língua é o autocontrole por meio da gramática normativa, pois sem domínio de metalinguagem o aluno não amplia seus conhecimentos linguístico-discursivos.

3. Atualmente, o ensino de língua está orientado por práticas de uso (leitura e produção) e de reflexão sobre o funcionamento da língua (análise linguística). De acordo com Geraldi (2004:74), “O uso da expressão ‘análise linguística’ não se deve ao mero gosto por novas terminologias.” [...]

Indique a alternativa que contém uma afirmação **VERDADEIRA** em relação à prática de análise linguística:

- A) O trabalho de reflexão linguística a ser realizado nas aulas de língua deve voltar-se para a observação e análise da língua em uso, ou seja, priorizando-se as atividades metalinguísticas.
- B) Uma vez que na análise linguística o objetivo central é refletir sobre fatos da língua e sobre estratégias discursivas, com o foco nos usos da linguagem, infere-se que a gramática foi banida do ensino de língua.
- C) O termo *análise linguística* surgiu para denominar, no ensino de língua, uma nova forma de reflexão sobre os fenômenos gramaticais, textuais e discursivos.
- D) Busca-se, na análise linguística, verificar os problemas apresentados nos textos produzidos pelos alunos substituindo nomenclaturas da gramática normativa por nomenclaturas da linguística (coesão, coerência, anáfora etc).
- E) Esse termo trouxe apenas uma nova nomenclatura para o trabalho pedagógico de Língua Portuguesa na escola no que se refere ao ensino de gramática.

4. O trabalho com produção escrita no ensino de aprendizagem de língua materna é orientado por um conjunto de princípios teóricos dos quais decorrem implicações pedagógicas. Sobre o trabalho pedagógico com produção textual, é **CORRETO** afirmar que

- A) as práticas de escrita, nos momentos iniciais, deverão ser artificiais, para que os alunos aprendam as normas da língua, e só depois desse domínio passem a realizar práticas de escrita real, ou seja, com textos socialmente relevantes.
- B) a escrita envolve três etapas recursivas: planejamento, operação e revisão, as quais, por sua vez, implicam uma série de decisões por parte do autor do texto.
- C) a cada situação de escrita, é desejável que o professor apresente aos alunos um conjunto de palavras apropriadas para o texto solicitado, de

modo a assegurar que todo aluno apresente um bom nível de vocabulário na produção.

- D) na avaliação do texto escrito, o procedimento mais adequado é o professor apontar os erros e mostrar a forma correta.
- E) elaborar uma lista de critérios de avaliação para ser usada pelo conjunto dos professores de língua da escola em todos os textos solicitados constitui uma alternativa capaz de assegurar avaliações menos subjetivas por parte dos docentes.

5. Marque a alternativa **VERDADEIRA** em relação ao trabalho com gêneros textuais/discursivos nas aulas de língua materna.

- A) Os gêneros são formas textuais que têm sua caracterização e função modeladas/remodeladas nos processos interlocutivos. Desse modo, no ensino da escrita, basta serem apresentadas aos aprendizes as características próprias dos gêneros textuais usados com maior frequência na vida social para que eles alcancem o domínio desses gêneros.
- B) O letramento escolar deve estar voltado, prioritariamente, para práticas de leitura e escrita de gêneros escolares, tais como anotações, resumos, relatos entre outros.
- C) Uma gama de gêneros textuais deve ser lida, analisada e produzida nas aulas de língua portuguesa para a promoção do letramento; os textos literários ocuparão lugar de destaque, a fim de servirem de modelo de escrita.
- D) Os gêneros orais, tal como acontece com os escritos, possuem especificidades, porém, na escola, a oralidade dispensa um trabalho sistematizado, uma vez que os alunos já têm domínio das formas cotidianas de produção oral.

E) De acordo com Bakhtin (1992), os gêneros são enunciados relativamente estáveis cuja identidade envolve elementos referentes ao conteúdo, composição e estilo. Sendo assim, os textos pertencentes a um gênero qualquer (reportagem, por exemplo) apresentam um conjunto de características recorrentes, mas, por outro lado, apresentam variações devido às diferentes situações sociodiscursivas em que são produzidos e lidos.

6. Analise as asserções a seguir e marque o que for **VERDADEIRO** em relação às gramáticas normativas

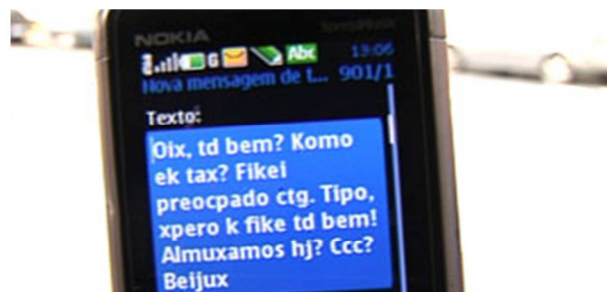
- A) Empregam uma metalinguagem cujo domínio constitui-se em um dos meios de se chegar a ler e escrever de modo competente a língua padrão oral ou escrita.
- B) Impõem regras julgadas “corretas” e condenam outras, por considerá-las “erradas”, justificando sua posição com argumentos sólidos.
- C) Utilizam os termos, conceitos e definições que os gregos antigos utilizaram na análise de sua língua,

por isso, os linguistas consideram tais critérios apropriados para a descrição do funcionamento do português contemporâneo.

D) Restringem o conceito de língua apenas à escrita literária e desconsideram a língua falada.

E) Descrevem a língua portuguesa atual com base em um instrumental que permite rotular e classificar seus componentes fornecendo, assim, orientação sobre o uso eficiente dos recursos da língua nas práticas sociais de fala e de escrita.

7. É comum ouvirmos professores e a mídia afirmando que o internetês está contaminando o português escrito, por isso deveria ser visto como um vilão a ser combatido. Entretanto, a linguagem da internet veio para ficar, por isso a escola precisa lidar com essa situação. Considere o texto a seguir e assinale a alternativa que contém uma afirmação **CORRETA** em relação à atitude do professor diante de textos como este:



- A) Um texto como esse, fora dos padrões ortográficos, poderá ser trabalhado em sala em atividade de reescrita, a fim de que os alunos se conscientizem de que todos os textos devem seguir a convenção ortográfica.
- B) Os textos das culturas locais devem também ser trazidos para a sala de aula porque ela deve favorecer letramentos múltiplos e diferenciados, especialmente por causa das mudanças relativas aos meios de comunicação e à circulação da informação, que impuseram novas maneiras de ler, de produzir e fazer circular textos.
- C) A partir desse texto, o professor pode explorar a linguagem do internetês destacando para o aluno que essa escrita não tem lógica, não cumpre sua função e deve ser banida, sob pena de transformar em caos a escrita da língua portuguesa.
- D) Atualmente, os estudiosos da área defendem que a língua oral varia em diferentes situações e usos, mas a escrita não deve variar na sua forma, por isso não é relevante trazer um texto como esse para a sala de aula.
- E) De acordo com as Diretrizes da SEED, o trabalho com gêneros que fogem da norma padrão não é indicado para o ensino e aprendizagem de língua.

8. O fragmento do texto abaixo é de autoria de um aluno. Assinale a alternativa em que todos os tópicos mencionados correspondem a problemas de escrita presentes nesse texto.

O nascimento dos filósofos

Você já se perguntou por que é importante filosofar?

Os homens sempre procuraram explicar de alguma forma as coisas e os fenômenos e isso fez com que através dos tempos surgisse os filósofos, homens e mulheres que buscam a verdade. Portanto, filosofar significa buscar a verdade e pensar bem sobretudo o que nos traz conhecimento e nos ajuda a agir bem, por isso é importante filosofar.

Os primeiros filósofos viveram por volta de 500 a 600 anos antes de Cristo, na antiga Grécia. Esses primeiros filósofos foram chamados pré-socráticos porque existiu depois deles, um filósofo chamado Sócrates que foi muito importante e, por isso, marcou a divisão da filosofia grega.

Você deve estar se perguntando: como sabemos o que os filósofos escreveram se foi numa época tão antiga? Como os escritos deles chegaram até nós? Pois é... só existe alguns fragmentos desses escritos.[...]

- A) Pontuação, ortografia, regência verbal e acentuação.
 B) Pontuação, ortografia, coesão e tempo verbal.
 C) Ortografia, coerência, tempo verbal e concordância verbal.
 D) Pontuação, ortografia, concordância verbal e concordância nominal.
 E) Pontuação, ortografia, coesão e concordância nominal.
9. Sírio Possenti apresenta versões de um texto escolar e mostra o processo de reescrita:
- “E terrivelmente violento um menino este dias sem querer porque o outro empurrou ele ele esbarrou no outro moleque ele já foi pra cima dele ai ele chingou o moleque”.
- 1º. É terrivelmente violento. Um menino esses dias, sem querer, porque o outro empurrou ele, ele esbarrou no outro moleque, ele já foi pra cima dele, aí ele xingou o moleque.
 2º. Na escola, o ambiente é terrivelmente violento. Um dia desses, só porque um menino esbarrou em outro sem querer, foi empurrado e xingado.
 3º. Havia uma violência terrível na escola. Um dia desses, um menino empurrou e xingou outro, só porque teve/aconteceu/houve um esbarrão. E isso que o esbarrão foi sem querer.
 4º. Na escola, há tanta violência quanto em outros lugares, como em estádios de futebol ou em botecos. Um dia desses, um menino esbarrou em outro, sem querer, o que acontece facilmente, porque o espaço

nas salas não é tão grande. O menino que recebeu o esbarrão logo reagiu, empurrou o outro e lhe disse vários palavões.

POSSENTI, Sírio. *Questões de linguagem: passeio gramatical* dirigido. São Paulo: Parábola, 2011. p. 121.

Ao comparar etapas do processo de reescrita, conclui-se que

- A) na primeira reescrita, foram feitas, sobretudo, correções ortográficas e inserções de sinais de pontuação; na última versão, as modificações foram mais sofisticadas, inseriram-se, por exemplo, informações e comentários para tornar o texto mais consistente.
 B) na primeira reescrita, foram feitas apenas correções ortográficas; na segunda versão, inseriu-se a referência ao local, na escola, e reestruturou-se o segundo período; as modificações tornaram o texto mais claro.
 C) na segunda versão, inseriu-se a referência ao local, na escola, e reestruturou-se o segundo período; na terceira, o texto foi apenas reorganizado em três períodos.
 D) na terceira versão o texto foi reorganizado em dois períodos, uma informação foi deslocada para o final e transformada em comentário: “E isso que o esbarrão foi sem querer”.
 E) na terceira versão o texto foi reorganizado em dois períodos, uma informação foi deslocada para o final e transformada em comentário: “E isso que o esbarrão foi sem querer”. Na última versão, foi inserido, pelo professor, um exemplo que alterou o projeto de dizer do aluno.
10. Leia o texto a para responder à questão a seguir.

A pronúncia [o] para ditongo escrito *ou*, como em *roupa, pouco, ouro, louco, comprou, amou* etc. ocorre na fala de todos os brasileiros, independente de sua origem geográfica, classe social, grau de letramento etc. No que diz respeito à avaliação social, essa pronúncia não provoca nenhuma reação negativa: nem a pessoa mais letrada interrompe uma conversa para corrigir seu interlocutor ou censurá-lo por ter pronunciado “rôpa”, “pôco”, “ôro” etc. Conclusão: a pronúncia [o] para o antigo ditongo *ou* faz parte do vernáculo brasileiro mais geral.

A pronúncia [i] para o dígrafo escrito *lh*, como em *tela, abelha, palha, trabalha* caracteriza os falantes das variedades mais estigmatizadas, sem prestígio social. No tocante à avaliação social, essa pronúncia provoca reação negativa por parte dos falantes urbanos escolarizados, que identificam imediatamente como próprias de pessoas “pobres”, “sem instrução”, “caipiras” etc. Conclusão: a pronúncia [i] para o dígrafo *lh* não faz parte do vernáculo brasileiro mais geral.

Temos assim, claramente, dois grandes conjuntos de traços linguísticos: aqueles que aparecem na fala de todos os brasileiros, independente de sua origem

social, regional etc.; e aqueles que aparecem primordialmente na fala dos brasileiros de origem social humilde, de pouca ou nenhuma escolaridade, de antecedentes rurais etc.

[...]

O que a escola não pode deixar de fazer, como venho insistindo, é ensinar aquilo que os falantes não sabem, não trazem de sua vivência familiar e comunitária. O destino que eles vão dar ao que aprenderem não cabe à escola determinar.

Fonte: BAGNO, Marcos. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2011. p. 105.

No texto, o autor utiliza exemplos como argumento para defender o seguinte ponto de vista:

- A) a pronúncia [i] para o dígrafo escrito *lh*, como em *telha*, própria das variedades mais estigmatizadas, faz parte do vernáculo brasileiro mais geral.
- B) a pronúncia [o] para ditongo escrito *ou*, como em *roupa*, usada pelos brasileiros urbanos escolarizados, não faz parte do repertório dos falantes das variedades estigmatizadas.
- C) os objetos do ensino de língua materna devem pautar-se em temas presentes no cotidiano dos alunos.
- D) a escola deve ensinar aos falantes o que eles desconhecem.**
- E) o ensino da leitura e da escrita, bem como o acesso aos discursos sociais que se valem delas, é a tarefa primordial da educação em língua materna na escola.

11. Leia o texto a seguir para responder à questão.

A repetição ou recorrência de termos é uma das formas de progressão textual de que pode se valer o produtor. Esse tipo de recorrência tem sido frequentemente considerado vicioso e, por isso, condenado. O que ocorre, na verdade, é que a repetição é também um poderoso recurso retórico. Portanto, há repetições “viciosas” e repetições enfáticas, retóricas.

Muitos textos são construídos tomando como base a repetição, que produz, nesses casos, não só efeitos estilísticos, mas, sobretudo, argumentativos. Daí a presença constante desse recurso em peças oratórias e textos em geral que se destinem a persuadir os interlocutores.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 161.

Assinale a alternativa que apresenta a repetição viciosa.

- A) Nunca tantas pessoas, em tantos veículos, trafegaram em tantas vias, e tantas direções, com tanta velocidade, indo a tantos lugares, pra voltar logo tão arrependidas.

Millôr Fernandes

- B) Caetano Veloso cantava baixinho *London, London* no rádio do bar. Uma brisa noturna entrava pela porta esfriando o recinto.

Paulo olhava para a mesa. Distraiu-se por um momento com a mariposa que passara voando e pousara no lustre que iluminava as bolas.

Walmor o cumprimentou, mas Paulo estava paralisado.

No rádio, *London, London* havia terminado, mas *Tropicália* começava, mostrando que Caetano Veloso era bem-quisto no Bar Pasárgada. A brisa parou. Walmor insistiu: – Paulo... Paulo... Paulo... Até ele que despertou.

Anônimo

- C) É incontestável a importância do brincar na vida da criança. É no brincar que a criança se constitui como sujeito, pois a criança brinca consigo mesma e, posteriormente, ela brinca com algum objeto. Ao brincar, ela inicia o seu contato com a realidade. Esse contato engendra nessa criança uma formação simbólica e um possível entendimento do mundo.**

Anônimo

- D) Diante da angústia do juiz reto e sem medo, situo-me a expiar, com medo o travo da impotência que afirmo como forma de racionalizar o medo, medo de denunciar, de contestar, medo até de confessar o medo, de reconhecer que as palavras e os gestos nascem pelo fluxo da adrenalina, como autodefesa diante do medo.

Dias, José Carlos. *Medo*. Folha de S. Paulo, 28. ago. 1981.

- E) Há três soluções para o drama da infância perdida na rua: escola, escola, escola.

Veja, 30/10/1996.

12. No excerto, Eliane Ruiz expõe o seu ponto de vista acerca da prática de correção de texto.

A prática de correção, tal como aqui defendo, nasce, portanto, de um encontro entre *sujeitos* (aluno, professor e outros) em processos linguísticos que se prestam para produzir significação em episódios de interação pessoal e dialógica. E tal prática só é possível dentro de uma postura teórica específica: a textual, a discursiva.

Nessa perspectiva, entendo que não teria mais lugar uma correção de textos escolares apenas como mera aferição do domínio de regras, mas sim, também, e principalmente, como *negociação de sentidos*, em face dos lugares socialmente ocupados pelos interlocutores (professor e aluno). A correção de redações passaria a ter o verdadeiro estatuto de *leitura* que deve ter (ainda que diferenciada do senso comum do termo, dada a especificidade própria do papel institucional do leitor-professor): *leitura-interlocução*, típica da discursividade que emerge na interação autor/ texto/ leitor; no nosso caso específico, na relação autor-aluno/ texto-redação/ leitor-professor

coautor/ texto-correção/ leitor-aluno co-leitor/ texto-revisão/ leitor.

RUIZ, Eliane. Como se corrige redação na escola. São Paulo: Mercado de Letras, 2001 .p. 232-233.

Para fundamentar o seu ponto de vista, Eliane Ruiz argumenta que:

- A) a língua é uma forma de interação verbal que possibilita aos membros de uma sociedade o estabelecimento de vínculos e compromissos, sobretudo no texto escrito.
- B) a escrita é uma atividade por meio da qual aquele que escreve expressa explicitamente seu pensamento, suas intenções, levando em conta, por vezes, as experiências e os conhecimentos do interlocutor.
- C) o professor coloca-se como coautor e o aluno como produtor, portanto, ambos são sujeitos ativos que interagem – dialogicamente – com o objetivo de corrigir os erros presentes no texto.
- D) o texto é visto como um produto de uma codificação realizada pelo escritor a ser decodificada pelo leitor, bastando a ambos o conhecimento do código utilizado.
- E) a atuação dialógica do professor é fundamental para que a atividade de correção tenha o estatuto da leitura-interlocução que surge na relação autor/texto/leitor.

13. VARIANTE

1. Se duas unidades linguísticas (fonema ou morfema) figuram no mesmo ambiente (fonológico ou morfológico) e se elas podem ser substituídas uma pela outra sem que haja uma diferença no sentido denotativo da palavra ou da frase, então os dois fonemas ou os dois morfemas são *variantes livres* de um fonema ou de um morfema único [...]. Se duas unidades linguísticas (fonemas ou morfemas) não se apresentam nunca no mesmo ambiente (fonológico ou morfológico) e se elas apresentam entre si um parentesco (articulatório ou acústico para os fonemas; semântico para os morfemas), essas unidades são *variantes combinatórias* do mesmo fonema ou do mesmo morfema.

Fonte: DUBOIS, J. et al. *Dicionário de linguística*. São Paulo: Cultrix, 1993.

Considerando o verbete acima, assinale a alternativa que exemplifica adequadamente o conceito apresentado.

- A) v-, i- e f- são variantes combinatórias de um mesmo morfema que significa “ir”, pois figuram cada qual em contextos exclusivos, como nos exemplos do verbo conjugado *vou, ia, fui*.
- B) As formas /mim/ e /migo/ são variantes livres no contexto em que sucedem uma preposição, conforme os exemplos: de mim, para mim, sem mim, a mim, comigo.

- C) Em contexto de início de palavra, como ocorre com a palavra *rua*, as variantes [R] velar e [r] alveolar são combinatórias.
- D) Ao compararmos os prefixos das palavras *imoral, irreal, infeliz* e *inapto*, verificamos que são variantes livres.
- E) O fonema /t/ na palavra *tia* pode se realizar com a pronúncia dental ou africada, logo, podemos considerar as duas realizações como variantes combinatórias.

14. O ensino da Literatura Brasileira, nas escolas do Paraná, está pautado na Estética da Recepção e na Teoria do Efeito, e tem como objetivos “efetuar leituras compreensivas e críticas; ser receptivo a novos textos e à leitura de outrem; questionar as leituras efetuadas em relação ao seu próprio horizonte cultural; transformar os próprios horizontes de expectativas, bem como os do professor, da escola, da comunidade familiar e social.” (DCEs – Língua Portuguesa, 2008,p.74).

A partir dessa constatação, assinale a única alternativa **CORRETA** quanto ao ensino da Literatura no Paraná, segundo o método recepcional.

- A) É o horizonte de expectativas do aluno que o professor deve satisfazer, garantindo, assim, que ele desenvolva o gosto pela leitura.
- B) A ruptura do horizonte de expectativa do aluno é uma etapa do processo de formação do leitor que pode e deve ser evitado, para garantir o sucesso do trabalho do professor.
- C) As marcas linguísticas do texto literário devem ser ignoradas, segundo o método recepcional, porque não se trabalha o texto literário como pretexto.
- D) A ruptura com o horizonte de expectativas do aluno é o momento em que ele cresce, distancia-se do senso comum para criar o seu próprio horizonte ampliado e adquirir o entendimento do evento estético.
- E) Segundo o método recepcional, o professor deve, ao trabalhar com o texto poético em sala de aula, exercitar exaustivamente a leitura de um mesmo poema, antes de passar a outro, de modo a garantir que o aluno se identifique com o texto e se aproprie do gênero.

15. O trabalho com a Literatura, na escola, tem em vista a educação literária. Por isso, o professor deve:

- A) ampliar os modos de ler literatura dos alunos, propiciando-lhes o contato com outros gêneros textuais, literários ou não.
- B) organizar momentos de leitura literária em que ele atue como consultor, para elucidar as dúvidas dos alunos, por isso, mantendo-se como observador.
- C) determinar as leituras a serem feitas pelos alunos, pois estes não têm condições de escolher o melhor para si.

D) promover situações de leitura colaborativa, em que os alunos possam se ajudar, uns aos outros, sanando as possíveis dúvidas.

E) planejar atividades regulares de leitura literária, assegurando que tenham a mesma importância dada às demais. Ao planejar a sequência didática, deve levar em conta a motivação, a introdução, a leitura e a interpretação, como etapas do processo.

16. Sobre a História da Literatura Portuguesa, assinale a única assertiva **CORRETA**.

A) Camões é um poeta medieval por excelência: seus poemas, principalmente a epopeia *Os Lusíadas*, apresentam metrificações semelhantes às aquelas encontradas nas cantigas de amor e cantigas de amigo dos trovadores do medievo. A narrativa da epopeia, concentrada em torneios de cavalaria, também nos remete às gestas medievais.

B) Eça de Queirós é considerado um escritor de transição; obras como *O Primo Basílio* e *A cidade e as serras* foram escritas para exaltar a sociedade portuguesa do século XIX, sendo bons exemplos da faceta realista do autor; por outro lado, obras como *Os Maias* e *O crime do Padre Amaro* são legítimas representantes do modernismo literário português.

C) Gil Vicente pode ser considerado um divisor de águas na história do teatro em Portugal; suas peças, a exemplo do *Auto da Barca do Inferno*, apresentam personagens que podem ser entendidos como representantes (às vezes caricatos) da sociedade em que o autor vivia.

D) Alexandre Herculano é um autor associado ao pós-modernismo português; obras como *Eurico*, *o Presbítero* apresentam linguagem e discussões eminentemente contemporâneas, como o uso de neologismos e a condenação do celibato clerical.

E) José Saramago e Miguel Torga são autores comumente enquadrados no realismo português, uma vez que as obras literárias por eles escritas (romances, contos e poemas) estão presas ao substrato da matéria, inexistindo experimentações linguísticas, metáforas e marcas do elemento fantástico. É o caso do *Conto da Ilha Desconhecida*, de Saramago, e dos poemas de *Orfeu rebelde*, de Torga.

17. Leia os seguintes trechos das obras *O Guarani*, de José de Alencar, e *Cordões*, de João do Rio:

“Sobre a alvura diáfana do algodão, a sua pele, cor de cobre, brilhava com reflexos dourados; os cabelos pretos cortados rentes, a tez lisa, os olhos grandes com os cantos exteriores erguidos para a frente; a pupila negra, móbil, cintilante; a boca forte mas bem modelada e guarnecida de dentes alvos, davam ao rosto pouco oval a beleza inculta da graça, da força e da inteligência.”

ALENCAR, José de. *O Guarani*. São Paulo: Ática, 1996. p. 28. Publicado originalmente na forma de folhetim, em 1857.

“Na turba compacta o alarma correu. O cordão vinha assustador. À frente, um grupo desenfreado de quatro ou cinco caboclos adolescentes com os sapatos desfeitos e grandes arcos pontudos corria abrindo as bocas em berros roucos. Depois um negralhão todo de penas, com a face lustrosa como piche, a gotejar suor, estendia o braço musculoso e nu sustentando o tacape de ferro. Em seguida gargolejava o grupo vestido de vermelho e amarelo com lantejoulas d’ouro a chispar no dorso das casacas e das grandes cabeleiras de coches, que se confundiam com a epiderme num empastamento nauseabundo. Ladeando o bolo, homens em tamancos ou de pés nus iam por ali, tropeçando, erguendo archotes, carregando serpentes vivas sem os dentes, lagartos enfeitados, jabutis aterradores com grandes gritos roufenhos.”

RIO, João do. *Cordões*. In: *A alma encantadora das ruas*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2008. p. 142. Publicado originalmente em 1908.

A partir da análise comparativa dos trechos selecionados e do seu conhecimento sobre a História da Literatura Brasileira, assinale a única assertiva que apresenta uma interpretação **CORRETA**.

A) Os trechos apresentam visões distintas do indígena brasileiro; no trecho de Alencar, temos um índio infantilizado, dotado de ingenuidade e distante do modelo ideal de “bom selvagem”, de Rousseau; já no fragmento de João do Rio, temos um índio que pode ser entendido como legítimo representante do ideal romântico brasileiro: o selvagem é descrito como um ser vigoroso que reunia em si os valores a serem exaltados na pátria, coragem, honradez, firmeza de caráter e beleza física.

B) Ambos os trechos apresentam visões dualistas do índio: em Alencar, temos o índio de traços embrutecidos e valores elevados (a ideia de que apesar da brutalidade física o indígena possui personalidade delicada); em João do Rio, temos o oposto – o índio de traços delicados e valores deturpados (a ideia de que apesar da delicadeza física o indígena possui personalidade violenta).

C) Os trechos apresentam visões distintas para com o indígena; se no trecho de Alencar vemos a idealização do selvagem nas páginas literárias, marca do romantismo brasileiro (que valorizou a figura do índio a fim de exaltar a nacionalidade), no fragmento de João do Rio vemos a imagem de um índio brutalizado, em um cordão carnavalesco. São, em síntese, diferentes retratos do índio, em diferentes contextos socio-históricos.

D) Ambos os trechos apresentam visões depreciativas do índio, marcas dos contextos em que as obras foram escritas, ligados a políticas de aculturação dos silvícolas: em Alencar, temos o índio infantilizado do ideal romântico, marcado pela instabilidade de caráter e pela fragilidade corpórea;

em João do Rio, temos o índio brutalizado do modernismo, o selvagem antropófago que oferece real ameaça aos homens brancos e invade as ruas, despido de valores.

- E) Os trechos apresentam visões parecidas do índio: em Alencar, encontramos o clássico modelo de selvagem incorruptível do romantismo, dotado de valores elevados e traços angelicais; em João do Rio, também encontramos o índio de caráter imaculado do ideal romântico – os selvagens são descritos como homens fortes e, ao mesmo tempo, ternos e valorosos.

18. Leia o seguinte trecho do conto *Teoria do Medalhão*, de Machado de Assis:

– Não te falei ainda dos benefícios da publicidade. A publicidade é uma dona loureira e senhoril, que tu deves requestar à força de pequenos mimos, confeitas, almofadinhas, coisas miúdas, que antes exprimem a constância do afeto do que o atrevimento e a ambição. Que D. Quixote solicite os favores dela mediante ações heroicas ou custosas, é um sestro próprio desse ilustre lunático. O verdadeiro medalhão tem outra política. Longe de inventar um *Tratado Científico da Criação dos Carneiros*, compra um carneiro e dá-o aos amigos sob a forma de um jantar, cuja notícia não pode ser indiferente aos seus concidadãos. Uma notícia traz outra; cinco, dez, vinte vezes põe o teu nome ante os olhos do mundo. Comissões ou deputações para felicitar um agraciado, um benemérito, um forasteiro, têm singulares merecimentos, e assim as irmandades e associações diversas, sejam mitológicas, cinegéticas ou coreográficas. Os sucessos de certa ordem, embora de pouca monta, podem ser trazidos a lume, contanto que ponham em relevo a tua pessoa. Explico-me. Se caíres de um carro, sem outro dano, além do susto, é útil mandá-lo dizer aos quatro ventos, não pelo fato de si, que é insignificante, mas pelo efeito de recordar um nome caro às afeições gerais. Percebeste?

– Percebi.

ASSIS, Machado. *Teoria do Medalhão*. In: ASSIS, Machado. *Contos*. Organização, introdução, revisão de textos e notas de Massaud Moisés. São Paulo: Cultrix, 2008. p. 25-26.

O trecho em questão mostra parte de um diálogo entre pai e filho, no qual o pai explica ao jovem que está a completar vinte e dois anos alguns “segredos” para se tornar um “medalhão”, ou seja, um sujeito famoso e querido por todos, sem necessariamente desenvolver a intelectualidade e contribuir para a transformação social. Tal visão de mundo, extremamente irônica, foi abordada por Machado de Assis em outras obras, inclusive em um de seus grandes romances. Com base no seu conhecimento sobre a literatura brasileira, assinale a única assertiva que apresenta outra obra de Machado de Assis em que podem ser identificadas marcas da “teoria do medalhão”, explicando **CORRETAMENTE** o porquê disso.

- A) *Dom Casmurro*; a personagem Capitu ensinou ao filho, Ezequiel, ainda na infância, que o mais importante na vida era construir a fama pessoal, convencendo o esposo Bento Santiago a enviar o pequeno ao Egito e a Jerusalém, no Oriente Médio, região em que, futuramente, Ezequiel viria a falecer.
- B) *Esau e Jacó*; os gêmeos Pedro e Paulo, ambos monarquistas convictos, são convencidos pela sedutora personagem Flora e decidem entrar na política; são nomeados senadores do Império com o único objetivo de obter sucesso rápido e fácil, bem como lucratividade.
- C) *Quincas Borba*; o personagem Rubião, capitalista inveterado, aplica, sem escrúpulos, golpes financeiros no casal Palha e Sofia, a fim de prosperar rapidamente e ganhar notoriedade e fama entre as altas rodas do Rio de Janeiro – mesmo que, para isso, destrua, ao final do romance, a vida de seus antagonistas.
- D) *Memorial de Aires*; o personagem Conselheiro Aires rouba de seu “amigo” Rubião a ideia de fundar uma corrente filosófica, o Humanitismo, com o objetivo descarado de prosperar financeiramente e obter sucesso na então capital do Brasil.
- E) *Memórias Póstumas de Brás Cubas*; o protagonista e narrador das memórias pretendia, entre outros feitos, criar um “emplasto” batizado com o próprio nome, o “Emplasto Brás Cubas”, pensando menos no progresso da farmacologia e mais na obtenção de lucro, fama e sucesso.

19. Leia o fragmento literário apresentado a seguir:

Passa rente aos bois-de-carro – pesados eunucos de argolas nos chifres, que remastigam, subalternos, como se cada um trouxesse ainda ao pescoço a canga, e que mesmo disjuntados se mantêm paralelos, dois a dois. Corta ao meio o grupo de vacas leiteiras, já ordenhadas, tranquilas, com as crias ao pé. E desvia-se apenas da Açucena. Mas, também, qualquer pessoa faria o mesmo, os vaqueiros fariam o mesmo, o Major Saulo faria o mesmo, pois a Açucena deu à luz, há dois dias, um bezerrinho muito galante, e é bem capaz de uma brutalidade sem aviso prévio e de cabeça torta, pegando com uma guampa entre as costelas e a outra por volta do umbigo, com o que, contado ainda o impacto da marrada, crível é que o homem mais virtuoso do mundo possa ser atirado a seis metros de distância, e a toda a velocidade, com alças de intestino penduradas e muito sangue de pulmão à vista.

E Sete-de-Ouros, que sabia do ponto onde se estar mais sem tumulto, veio encostar o corpo nos pilares da varanda. Deu de cabeça, para lamber, veloz, o peito, onde a cauda não alcançava. Depois, esticou o sobrebeijo em toco de tromba e trouxe-o ao rés da poeira, soprando o chão.

ROSA, João Guimarães. O burrinho pedrês. In: *Sagarana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p. 35.

O trecho do conto *O burrinho pedrês* apresenta algumas características marcantes da prosa de João Guimarães Rosa. Assinale a única assertiva que analisa **CORRETAMENTE** duas dessas características identificáveis no fragmento.

- A) O autor, na linha de cronistas como Rubem Braga, emprega em larga escala a chamada “prosa poética”, conforme se depreende de trechos como “E Sete-de-Ouros, que sabia do ponto onde se estar mais sem tumulto, veio encostar o corpo nos pilares da varanda”; também se faz presente no fragmento um certo culto ao padrão canônico da linguagem, avesso a experimentações.
- B) O autor pratica a experimentação linguística, conforme se observa no uso de expressões como “sobrebeicho”, exemplo de neologismo; também é notável a criação de um espaço ficcional ligado à temática interiorana (presença de fazendas, bois, vaqueiros) de um mitopoético sertão brasileiro.
- C) O autor utiliza da “metaficção historiográfica”, recurso narrativo da pós-modernidade literária, exemplificado pela utilização da personagem “Sete-de-Ouros”; há, ainda, a ausência de um ponto de vista subjetivo: o autor prefere descrever as situações sem qualquer marca de onisciência.
- D) O autor se dedica à criação de neologismos, conforme se depreende do uso de expressões como “eunucos” e “marrada”, não encontradas nos dicionários; há, ainda, a construção ficcional de espaços urbanos marcados pela violência: as personagens são brutalizadas e destituídas de valores como a honra.
- E) O autor se dedica à criação literária de uma temática sertaneja, ligada ao chamado “ciclo da seca” nordestino, na linha de autores como Graciliano Ramos e José Lins do Rêgo; é representante de um certo culto às formas fixas e defende a ausência de trabalho experimental com a linguagem.

20. Leia o seguinte trecho da canção “Tropicália”, de Caetano Veloso:

Sobre a cabeça os aviões
Sob os meus pés os caminhões
Aponta contra os chapadões
Meu nariz

Eu organizo o movimento
Eu oriento o carnaval
Eu inauguro o monumento
No planalto central do país

É sabido que o Tropicalismo de Gil e Caetano foi bastante influenciado, em sua origem, por um movimento literário da primeira metade do século XX, conforme explicação do próprio Caetano em sua obra autobiográfica *Verdade Tropical*. Nas palavras dele, um determinado manifesto foi de fundamental importância para a eclosão da Tropicália, uma vez que “a ideia (contida no manifesto) servia-nos, aos tropicalistas, como uma luva. Estávamos ‘comendo’ os Beatles e Jimi Hendrix. Nossas argumentações contra a titude defensiva dos nacionalistas encontravam aqui uma formulação sucinta e exaustiva” (VELOSO, Caetano. *Verdade Tropical*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2008. p. 242). A partir do seu conhecimento sobre a história da literatura brasileira, assinale a única assertiva que apresenta **CORRETAMENTE** o nome do referido movimento e o nome do manifesto que encerra as ideias apresentadas no fragmento de Caetano Veloso.

- A) Modernismo de 22; Manifesto Antropófago.
- B) Modernismo de 30; Manifesto Regionalista.
- C) Modernismo de 22; Manifesto Nhengaçu Verde-Amarelo.
- D) Simbolismo; Manifesto Espiritualista.
- E) Parnasianismo; Manifesto Parnasiano.